



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Director e proprietario — J. PEDROSO AMADO
 Chefe de redacção — VALENTIM T. COSTA E SILVA
 Editor — ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$300
6 "	" \$600
12 "	" \$1200
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 "	" \$1800
12 "	" \$3600

PREÇO AVULSO

30 RÉIS

—+—
 Redacção e Administração
 Passarelle do Elev. de S. Justa-R
 LISBOA

Composição e Impressão
 Offic. Illustração Portuguesa
 Rua do Seculo, 43

A constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.



Dr. Manoel d'Arriaga

OFF. ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Dr. Manoel d'Arriaga

Quem entrasse na vasta sala do Colyseu dos Recreios, no ultimo domingo, parando estatico perante a imponencia da multidão, perguntaria, a medo, como receando uma blasphemia, se dos homens a quem *snobmente* ha por habito alcunhar de scepticos, receosos de que uma leve pedra de gelo se transforme em avalanche que os esmague, pôde espontaneamente sahir alguma coisa de sincero, de grande, de alevantado, como o de uma homenagem — em vida—a um outro homem a quem difficilmente, emquanto por cá vegeta, as qualidades são tidas na sua maxima perfeição?

Pois é tão difficil a justa apreciação de quanto vale um caracter, quanto se pôde esperar de uma tempera que as vicissitudes não embotam, d'um gesto que não vacila, d'uma coragem que não pereclita ou d'uma voz que não arrefece, que levando as mãos aos olhos, como que a afastar algum mau sonho, temeria, ao abril-os, voltar ao *cauchémar* impertinente e difficil que nos persegue, que nos força, que nos aniquila.

Pois sim—é verdade—pôde-se, abrindo a mascara a um riso de deslumbrante alegria o coração a um sentimento de verdade, as mãos a palmas que a consciencia orienta, quando o vulto que nos norteia é uma incomparavel figura de homem, como a do Dr. Manoel d'Arriaga.

Pois foi a essa figura singelamente grande, e é na sua sinceridade que habita a sua grandeza, que o povo de Lisboa, n'um brado unisono e eloquente, aclamou, consagrou como uma personalidade que existirá emquanto n'este recanto da península houverem portuguezes que fallem a sua lingua e mantenham a integridade do seu sangue.

Para que mais palavras, compostura de phrases?

Curvemo-nos e acompanhando o echo de milhares de vozes que no domingo deliraram, digámos tambem:

Hurrah! por Manoel d'Arriaga.

COSTA E SILVA.



Camões e o seu tempo

O homem não é a causa primaria de todos os phenomenos sociaes, a molecula que agita e vivifica as sociedades humanas; é tambem o effeito dos acontecimentos que o rodeiam, dos individuos com quem convive, isto é, o homem não é só o factor do homem, mas tambem o producto do homem collectivo, a sociedade.

Vejamos pois Camões no seu meio social e no seu tempo.

Luiz Vaz de Camões nasceu em Lisboa em 1524, reinava então D. João III, com a sua côrte de frades e beatos. Estava-se

na Edade Media. O Feudalismo imperava. O fanatismo religioso estava então no auge e como sempre, pela crença nas bem-aventuranças eternas e outros mysticos devaneios, era causa n'um enervamento nos espiritos e nos caracteres que entre nós havia de conduzir infallivelmente o paiz á sepultura.

Camões previu isto.

Ralava-o o pensamento dos tempos aureos d'outr'ora, o que demonstrou, narrando nos *Luziadas*, ao rei de Melinde, a historia luzitana, desde a fundação da nacionalidade; ralava-o por vêr tanta baixaza dos reis e suzeranos, tanta cobardia dos vassallos, depois de tanta ufanía e de tanta gloria; — «Que um fraco rei faz fraca a forte gente»; — de conhecer que após os pensadores que tanto haviam engrandecido o seu paiz, Sá de Miranda, Gil Vicente, Fernão Lopes, Bernardim Ribeiro, João de Barros, Garcia de Rezende e outros, vinha a escolastica assentar arraias no collegio das artes e na Universidade, para disvirtuar as antigas idéas e submettel-as á theologia; de comprehender que o odio religioso causava grandes prejuizos á nação, não só pelas vidas perdidas, como pelas fortunas dos judeus emigrados para a Hollanda; que tanto esforço de

«Hum Pacheco fortissimo e os temidos

«Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,

«Albuquerque terrivel, Castro o forte

«E outros com quem poder não teve a morte,

tanto esforço havia sido baldado afinal pelo abandono voluntario de Alcacér, Arzila e outras praças africanas, onde elle tambem luctara e onde perdera a luz de um dos olhos; que Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Alvares Cabral e outros haviam sido heroes entre os navegantes, mas que a sua obra estava sendo desmembrada e desprezada até, pela intriga, pelas delapidações, pela dissolução dos costumes d'aquelles que tinham por dever mais continua-la e engrandecel-a; que na Índia os «disparates» dos governadores corriam parelhas com as toleimas e ambições da gente do paço em Lisboa; que a ingratião dos reis era tão grande que deixava os melhores servidores da sua patria ao abandono e á miseria, quando não os carregava de ferros e prendia, como succedeu a Duarte Pacheco e como havia succedido em Hespanha a Christovam Colombo;

«Aqui tens companheiro assi nos feitos

«Como no galardão injusto e duro;

«Em ti e n'elle veremos altos peitos

«E baixo estado vir, humilde e escuro;

«Morrer nos hospitaes, em pobres leitões

«Os que ao Rei e á lei servem de muro!

«Isto fazem os Reis, cuja vontade

«Manda mais que a justiça e a verdade

que os estados da Europa procuravam alargar-se á custa uns dos outros, e que só Portugal se deixava adormecer na indifference dos negocios publicos, no rigor do absolutismo real, no apagar dos feitos epicos que tanto o enalteceram; que a patria morria lentamente com o povo carregado de impostos e vexações emquanto a Hespanha fundava a sua unidade pela junção dos reinos de Aragão, Castelia, Granada e Navarra; que Francisco I em França reorganisava o exercito depois de luctar com

Carlos V da Allemanha, o visionario d'uma monarchia universal, e com Henrique VIII o creador do protestantismo anglicano; que todos estes protegiam as artes e as letras patrias e todos pretendiam dictar os destinos do mundo, dando azas á Renascença, estímulo aos humanistas, aos poetas, aos moralistas, aos politicos, aos criticos, aos geographos, aos astromos, aos pintores, aos musicos, a essa pleiade constituida por Ariosto, Tasso, Montaigne, Erasmo, Machiavel, Rabelais, Cervantes, Lope de Vega, Shakespeare, Copernico, Miguel Angelo, Van Dick, Raphael, Correggio, Palestrina e tantos outros, emquanto a Inquisição, principalmente na península ibérica que havia dado tantos «mundos novos ao velho mundo,» accendia as fogueiras ao minimo assomo de desacordado nas doutrinas e nos dogmas ecclesiasticos; lançava a perturbação nos espiritos, entregava finalmente Portugal aos Castelhanos, dois annos depois do desastre de Alcacér Kibir e cincoenta e oito dias depois de Camões morrer em 10 de junho de 1580 dizendo «ao menos morro com a patria,» e legando ao mundo um poema maravilhoso pelo engenho e pela arte, pelo estilo grandioquo e corrente como elle pedia ás Tagides, pelo perpassar multiplo das narrações, pelo fervor, pela vehemencia com que desenvolveu a idéa de patriotismo que o animava,

«Cessem do sabio Grego, e do Troyano

«As navegações grandes que fizeram;

«Calle-se de Alexandre e de Trajano

«A fama das victorias que tiveram;

«Que eu canto o peito illustre Luzitano,

«A quem Neptuno e Marte obedeceram

«Cesse tudo o que a Musa antiga canta,

«Que outro valor mais alto se alevanta.

Camões viu que não bastava o rendilhado das altas cathedraes gothic'as, ou o entrançado dos monumentos manuelinos para cantar o genio sublimado portuguez. Era necessario uma penna e uma espada para defenderem as grandezas, espolio sagrado de uma patria que marchava para a ruina

«.....o braço ás armas feito

«.....a mente ás musas dada

Fez pois os *Luziadas*, um dos grandes monumentos litterarios da Edade Media.

*

Como Homero, Camões teve uma vida accidentada.

Estudante, soldado, poeta, funcionario publico, viajou pelo norte d'Africa, Moçambique, India etc., procurando encher o espirito com o conhecimento da historia e dos costumes de extranhos povos, e seguindo a inclinação aventureira dos seus compatriotas para admirarem os esplendores do Oriente e grangearem a fama e a riqueza nas conquistas de além-mar.

Poeta infeliz, como Homero que, cego, percorria, a Helliade cantando e ganhando os meios de subsistencia, passou fome e privações já pela inveja que o malsinou e desprezou a ponto de o deixar morrer no catre d'um hospital.

Como Homero, poeta e historiador das glorias da sua patria, immortalizou os fei-

tos e os nomes, o genio e o valor dos mais illustres e arrojados portuguezes, cantando em estrophes magistraes, esculpindo nos versos immorredouros dos Luziados as facanhas gigantescas com que o povo «da occidental praia luzitana» havia enchido o mundo.

A. COSTA.

ETERNO TÊMA

PARA ALGUEM.

«Versos de amor! que pècha velha, amigo!
«Versos de amor! porque não canta o sol,
«E a terra em flôr, por maio, e o rouxinol
«Chorando, ao angelus, no bosque amigo!

«Versos de amor!—traga isto na memoria:
«Já ninguém os tolera nem os lê,
«Hoje pede-se mais, e o lindo pé
«Da Paqueta gentil é já da Historia!

«O seculo não é dos amorosos;
«Lamartine? onde pára!—agora, amigo,
«Canta-se a dôr do pária, a do mendigo,
«E os tristes, os sem-pão, os crapuoso!

«Canta-se o Bem e a Paz universal,
«E o Bello, o Grande e o universal Amor!
«Já não diz o poeta:—ô boca em flôr
«De minha bem-amada...—é social!

«Deixe-se amigo, então, da pècha velha
«Dos taes versos de amor que ninguém quer;
«Faça o que lhe aconselho e pode crer
«Que é um amigo bom que o aconselha!»

E eu deixei-o falar, a seu sabor...
Mas, quando em casa, fui fazer-te uns versos
—Gritos desta minh'alma, ais seus, dispersos...
Meu Anjo, Minha Vi.a e Meu Amor.

Pois—digam—tua voz não é mais doce
Que, ás horas dubias, a do rouxinol?
É o sol não dera tudo por que fosse,
Como esse olhar, brilhante, o triste sol?

E, digam mais, se no teu seio, Flor,
—Pequeno mas que tanto e tanto encerra!
Não cabe, todavia, todo o Amor,
E todo o Bello, e todo o Bem da terra?

Digam, depois, se acaso existe, Amor,
E chora, em qualquer parte, um desgraçado
Que sofra maior dor do que esta dor
De te adorar assim, sem ser amado?!

Julho, 1911.

CELESTINO DUARTE DE ALMEIDA.



Thomaz de Lima

Já lá vão alguns annos, que entrando nós na conhecida casa Sassetti por uma tarde de verão, fomos atrahidos por umas melodias nascidas em um piano Pleyel que collocado na semi-obscuridade da loja davamos a impressão que as phrases musicas eram nascidas em uma atmospheria toda sonho, em regiões desconhecidas para o mundo real.

Um rapaz de farta cabelleira estava sentado, dedilhando com uma technica bastante apreciavel varias composições suas. Do seu rosto pallido, do seu olhar vago, parecia que o pensamento se transportava a regiões ideaes desconhecidas para o vulgo, e as suas musicas todas ellas repassadas de sentimento tinham a candura da alma portugueza sempre emballada na toada conhecida da poesia e da tristeza. Este rapaz era Thomaz de Lima e foi d'es-a hora,

d'esse momento em que a sua musica nos commoveu que data o nosso conhecimento com este distincto compositor.

Thomaz de Lima apresentou-se revestido d'uma profunda modestia, tinha deixado o Conservatorio pois o seu temperamento demasiado impulsivo, não se coadunava á rotina anti-artistica do nosso estabelecimento de ensino! Com um genio talvez a Berlioz, sentiu-se já grande para estar escrivado em um meio que o não comprehendia. Resolveu estudar n s livros, e dar largas então á sua inspiração, feita para voar nos grandes espaços, para as grandes almas! Vendo nós em Thomaz de Lima um temperamento artistico pouco vulgar, que não se faz nos bancos das escolas, mas que apparece no campo da arte como flôr rara, escrevemos um bilhete, para Thomaz de Lima musicar.

O assombro que causou no nosso meio



musical a primeira da nossa peça *Moabita* cantada pela *Schala Cantorum* de Alberto Sarti, está bem patente em todos os criticos que então appareceram em que a musica de Thomaz de Lima foi devidamente apreciada.

Moabita foi a sua primeira obra para orchestra, e esta apresentou-a elle com um colorido, em que a riqueza dos timbres, traduzia a acção de uma forma sublime. No anno seguinte que a *reprise* tem equal successo, então Thomaz de Lima ficou consagrado perante o nosso meio artistico.

Partiu para Ponta Delgada e n'esta cidade, a contemplação do vasto oceano despertou na alma de Thomaz de Lima ainda maior amôr ao trabalho.

Pensando em Portugal, na sua querida terra, trabalhou e concluiu já em Lisboa um grande trabalho orchestral, chamado: *Cantar do meu paiz* que será executado no proximo inverno em um grande concerto. Obra musical que será depois enviada para Paris, onde será executada, e estamos certos será bem recebida pois é um trabalho de primeira ordem.

Thomaz de Lima tem escripto para piano varias peças, que ainda estão por publicar, e que são um verdadeiro mimo de feitura, estando n'este caso entre outras as seguintes: *Resignação, Abandono, Minuette Antigo e Pavona.*

Incansavel trabalhador, Thomaz de Lima está escrevendo as seguintes obras: *Suite* para grande orchestra, *Imagens* com 3 numeros: a) *Balada do último poente* (sobre uma obra de Justino de Montalvão), b) *Sinos ao*

longe (inspirado em uns versos de Lopes Vieira), c) *Moleirinha* (dos *Simplex* de Guerra Junqueiro); *Abandonada!* opera em um acto, e em varias peças para canto.

O estylo de Thomaz de Lima é demasiado rico em contrastes, e possui uma notavel facilidade em escrever; a phrase nasce-lhe expontanea, e nota-se nas suas obras, que não é *procurada*, a melodia é larga e sempre inspirada, tendo sempre um sabor pucciniano.

Thomaz de Lima além de compositor, é um habil violinista, como provou nos concertos que deu nas Ilhas, e um distincto pianista.

Este notavel compositor é um profundo conhecedor da musica popular portugueza, e o seu *ideal* ainda a realizar, n'uma serie de operas em dois actos escriptos sobre assumptos dos nossos campos, para serem cantadas em portuguez, tendo como base os cantos nascidos na alma popular! E agora que iniciamos, segundo parece, uma phase de renascimento da musica em Portugal, aqui apontaremos o nome de Thomaz de Lima como um rapaz cheio de talento, digno do governo portuguez se interessar pela grandeza do seu nome.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

CARTAS TRIPEIRAS

Porto, 15 junho.

Na minha ultima carta para a *Vida Artistica* disse que encerraria funes amente a sua serie a companhia que funcionava no theatro Carlos Alberto. Meu dito, meu feito.

A bem da arte dramatica já lá vão nas azas da baboseira torpe que não é theatro, antes uma michelanea de ditos fortes proprios para frequentadores de caes.

Entretanto como a verdade é a essencia das nossas apreciações, não podemos deixar de especialisar que na tal pseudo-companhia de artistas dramaticos, ainda se aproveitavam uns quatro actores e umas tres artistas, que tiveram a infelicidade de a ella irem cabir.

Agruras do destino.

Como anteriormente disse, quadros houve annunciados em berrantes placards que ninguém teve a desdita de apreciar e quando já um profundo suspiro de alivio nos acalmava o arcaboço, eis que ainda foram ao Sá da Bandeira mostrar ás turbas quanto mau podem fazer *amadores* sem qualidade alguma de geiteira para o theatro.

Ai! Pae...

Já cá temos a companhia do theatro Apollo d'essa cidade que nos deu de entrada *O Fado* que não teve a dita de agradar.

Seguiu-se-lhe o *Major Magnezia* que navegou nas mesmas aguas.

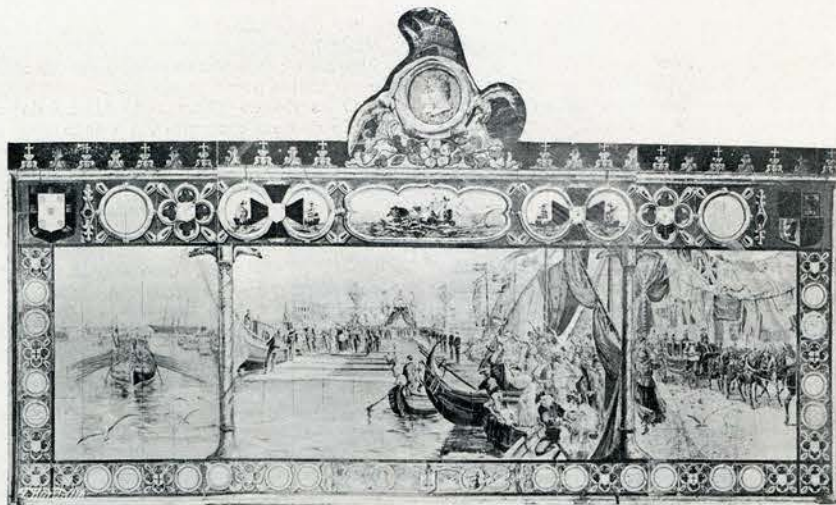
Já é ter azar!

A agulha em palheiro revista que ahi fez successo servirá de thema á minha proxima carta e... até sabbado.

EDUARDO SANTOS.



R. DOS CONDES



Chegada a Lisboa da rainha Alexandra de Inglaterra
Panneau pertencente a S. M. e collocado no castello de Windsor



Sinite parvulus ad me venire
(Figurou na Exposição do Rio de Janeiro e foi adquirido pelo ex.^{mo} sr. Manoel Bernardes)

Coisas de theatro

(Continuação do numero antecedente)

Tão interessantes mesmo, que saber do officio é o ultimo dos seus pensamentos: e officio a que se não tenha amor, é canga que pésa na cerviz impiedosamente. Porque elle é desdenhado, esmaga. Entretanto, ha no fundo de tudo isto um dedo de razão. E' certo que não ha theatro nem actores mas também não é menos certo que não ha publico e por consequencia não vale a pena tentar redimir uma arte que não interessa a ninguém. Desde que temos revistas, multissimas revistas e sobretudo animatographos, não ha motivo para ferver por sete vezes o chá e servir-o a uns maduros que teem o mau gosto de se prenderem com estas cousas. Enquanto houver theatros de feira, cheios á cunha todas as noites, rugidos de desespero por causas perdidas não valem a honra da letra de molde. Apropriando a phrase, colhida já não sei onde, pôde dizer-se que os povos só teem a arte que merecem: nós merecemos a revista, eis tudo; e quanto peor ella fór, mais garantias teem de agrado.

De facto, passa por todos nós um sopro de insanía. A nossa arte é a de Triboulet:

de bobo; e ainda assim mudada: é Triboulet atravessado de Vrilorgt. Menos espirito que brutalidade. Ha dias apresenta-se em certo theatroco um homem com um rolo debaixo do braço. Era uma revista. Interrogado sobre habilitações e capacidade, declarou serenamente não ter nenhuma. Fizera a pécinha por ter reparado que toda a gente as fazia em Lisboa e conseguia ganhar dinheiro com ellas. A creatura foi recebida com pompa. D'aqui por um mez a sua revista deve ter duzentas representações, e uma penuria privada de outras tantas libras.

E sem duvida as personagens que as praticam teem o direito de orgulhosamente mostrar vastissimos ganhos. De mancebia o publico se foi com os revisteiros, mancebia lamentavel, que provoca o dó, o desdem, mas nem por isso menos positiva. Basta vêr como durante horas as platéas baratas obrigam os *artistas* a bisar, a frisar alguma quadra miseravel condimentada com musica de machiche, para comprehender bem como o genero está no espirito e na índole dos lisboetas. A estafadissima figura de um *compadre* censor e moralista, um paraiso christão ou um bosque de paganismo com Vulcanos mal mandados e S. Pedros cheios de cio, fazem transbordar de pura

Os azulejos artisticos nacionaes de Jorge Collaço



Fragmento da decoração do Hotel Monumental do Bussaco

Parte em breve para a America do Sul, fazendo parte d'uma trindade gentil d'artistas portuguezes, que ali vae em tournée, o grande caricaturista portuguez e eximio pintor de azulejos que é Jorge Collaço.

O apreciado artista constitue a sua bagagem com uma interessante collecção de photographias

dos seus melhores quadros, que certamente uma grande acceitação hão-de merecer nas capitães da America do Sul.

A VIDA ARTISTICA honra hoje duas das suas paginas com algumas gravuras dos brilhantes «panneaux» de azulejos portuguezes de Jorge Collaço.



Procissão na aldeia
Pertencente ao director da fabrica de ceramica de Sacavem, mr. James Gilman



Vida de S. Sebastião
(Fragmento da decoração do altar mór da capella da sr.^a Duquesa de Palmella, em Cinra)

alegria os peitos ingenuos cuja comprehensão não vae muito além d'estas baboseiras homericas, de fórma que é isto que vale, é isto que deve servir-se sem rodeios, sem hesitações, não lamentando a falta de elementos d'arte porque elles não são necessarios... Antes pelo contrario; basta ter boa plastica e ser excessivamente mal educado. Perante estas coisas não é possível accendrar. *Plaudite, ites!*

Tudo isto, por consequencia, desculpa, em parte, a mediocridade dos auctores dramaticos, o pessimo grupo de actores e actrizes. Acrescenta-se entretanto que este estado de coisas se deve em grande parte aos jornaes, ás revistas, aos jornalecos e, sobretudo, aos pasquins theatraes que enxameiam de norte a sul vomitando a injuria, exaltando a incompetencia, compadrices meuda, quinta essencia de tolice, que revolta quando não faz rir e que só fazendo rir perdôa a bengalada.

Os criticos da nossa terra pertencem a duas categorias bem distinctas. Ha os que teem preparação mas evitam o ataque fazendo joguinho cauteloso e seguro, e ainda outros que, rechaçados de certas occupações, vão babando este e aquella, na esperança de uma lubricidade ou fazendo jus a uma redonda gorgeta; porque a gorgeta en-

trou tanto nos nossos costumes que não é só apanagio dos creados de restaurante e de cocheiros de praça, mas antes, com propriedade, de certos criticos de jornaes de decima oitava ordem. Que os famulentos pesquizam o pão nas dobras da pouca vergonha insidiosa. Isto é sabido, notorio, dispensa insistencia, tão visível como o sol, tão degradante como um anonymato.

Mas os peores são, sem duvida, os peculiares a uma terceira cathogoria mal definida ainda, fluctuando entre as duas primeiras. São aquelles que sem auctoridade e competencia profissional teem gordas barganhas e discursam *ore rotundo* com aquella proficiencia que todos nós conhecemos. Estas creaturas toleradas por caridade, por inercia, são flagellos temiveis—e perigosos, talvez se devessem chamar os *cavalleiros do veneno* quando provem de esbeltos, e irreverentemente pipas no caso do perimetro ser pouco mais ou menos o mensuro da altura. São elles que, elevando ás alturas, abatendo em piedade, edificam a classica, a portugueza *egrejinha*, formando a *cotterie*, a defeza mutua, o nucleo onde se criam reputações, onde se arranjam ficticios nomeados em permuta de torpezas inconfessaveis.

Como quer que se apontem de dirigentes intellectuaes, a verdade é que as massas

que primitivamente dirigiam, tendem a diminuir mas nem por isso são menos nocivos, lepra damninha que contamina e leva de pressado os sedentos da lisonja. Com esta Arte, representada por Delobelles e criticada por Sarcey's incipientes, chegamos ao culto da Revista. Foram elles que a fizeram. *Parce sepultis!*

(Continua). MARIO D'ALMEIDA.

Sport Grupo Progresso

Todas as iniciativas quer officiaes quer particulares que tendam a desenvolver o sport entre nós, são dignas de todo o elogio e merecem o apoio de todos que sinceramente desejam o revigoramento da nossa raça que bem descuído tem andado; assim, a direcção da Sport Grupo Progresso pôde orgulhar-se de ter prestado á patria que lhe foi berço, um relevantissimo serviço.

Ha pouco inaugurou-se no grupo, um bello gymnasio onde a par das melhores condições higienicas se encontram bons apparatus de gymnastica, alli se realisou o seu primeiro sarau sportivo, onde alguns dos seus socios demonstraram bem evidentemente, a boa vontade que lhe assiste em progredir quer em *barras, athletica ou parallellas*.

Ali vimos trabalhar em *barras* os srs. Carlos Leão Lopes e Mario Lourenço, dois habéis gymnastas-amadores cuja correcção merece os mais rasgados elogios muito especialmente pela boa vontade que mostram de progredir nos trabalhos apresentados.

Em *parallellas* os srs. Jardim e Teixeira; estes amadores não fariam má figura o pé de muitos dos melhores artistas que temos visto trabalhar, o que basta para synthetisar o valor incontestavel d'estes sympathicos rapazes.

Raul Alves Martins e Eurico Correia são dois atheletas já conhecidos do nosso publico que tem assistido a sarau onde entram amadores; correctos nos seus exercicios, elles são dotados de musculos vigorosos sendo executado «developpé» a dois braços, «jeté», e «brastendu» sendo os seus exercicios coroados por enthusiasmas salvas de palmas.

O arbitro foi o sr. J. de Sousa. Para constituir a «equipe» que ha-de representar o Grupo na prova de 100 kilometros que faz parte dos Jogos Olympicos Nacionaes, foram feitas eliminatorias cujo apuramento foi o seguinte: Joaquim Dias Maio, Joaquim Delgado e Antonio Ribeiro, como supplentes Joaquim Ferragem e Antonio Mattos.

TIROS CERTEIROS

Quando creámos esta secção, não tivemos em mira o attingir sómente a arte dramatica, mas sim tudo quanto para nós se nos afigure merecedor do nosso ridículo e por isso cá estamos, cabendo agora a vez aos *zelosíssimos fiscaes do sello*.

Sem nos mettermos em politica, porque não foi para esse fim que nasceu a nossa revista, temos no entanto o direito, como todo o cidadão, de apreciar, segundo o nosso modo de vêr, os bons e os maus do actual regimen, ou para melhor dizer, dos actuaes governantes e por essa razão e cheios de verdade fallaremos só no que respeita ao caso em questão. Já no tempo do azul e branco na corporação do sello havia muito menino que, abusando do seu logar, commettiam toda a casta de injustiças, patrocinado pelos seus superiores, arrancando por varios processos que sabemos e que podemos, se fôr preciso, apresental-os em publico, todo o dinheiro ao desgraçado que tivesse a fatalidade de cair nas garras de semelhantes algozes. Veio porém o encarnado e verde, suspirámos de allivio; foram muitos d'esses homens despedidos, affirmava-se uma limpeza radical na corporação do sello. Mas oh! ceus,—se é que ceus ainda pôde dizer-se—depois de implantada a Republica, houve um punhado de *valentes* que, vendo já tudo socegado, pegou em armas para com ellas, não defender a Patria, mas exigir empregos. N'esse punhado de *valentes* encontrava-se gente da peor especie, conhecida da policia, frequentadora assidua das enxovias. Esses *heroes* quando da distribuição das recompensas, exigiram colocações, mas se a uns se poude conceder o logar de amanuense, a outros, que nunca souberam o que significa trabalhar, teve de se lhes arranjar mister de facil desempenho, multar, e foram alistados na corporação do sello.

O que então se tem passado com taes cavalheiros é indigno e o governo faz mal em fingir que não vê, porque pôde sofrer-lhe as consequencias.

Não vão procurar o transgressor da lei, vão por meio de ciladas obrigar o cidadão a transgredir e d'isto temos provas, que as publicaremos se preciso fôr. Procuram por todas as fôrmas suffimar a lei n'uma ancia de gananciosos que apenas visam a parte de leão que teem a receber em cada multa.

Os proprios chefes d'estes senhores teem mêdo d'elles, porque estamos ainda em periodo revolucionario, de fôrma que se multaram está muito bem feito, embora nenhuma razão houvesse para o fazer.

D'isto tambem nós tocou pela porta. O nosso jornal foi multado por termos mandado affixar uns cartazes annunciando uma excursão promovida gratuitamente por esta revista.

N'esses cartazes apenas se fazia reclame ao jornal e portanto estavam isentos do sello; mas a ganancia, a fome e o resto, animaram os senhores do sello e multaram-nos n'uma quantia avultadissima, suffimando a lei e inventando reclames diversos nos alludidos cartazes.

Pelo que ouvimos dizer a multa attinge alguns contos de réis, mas tambem garantimos que os senhores do sello foram pouco felizes com a caçada, porque o jornal é muito novinho e muito pobresinho; assim como não multaram logo que começou a affixação dos cartazes e esperaram que se collocassem todos, para a coisa render mais, deviam tambem esperar que o jornal progredisse para poder pagar. Em todo o caso, e com bastante pesar nosso, cá teem á sua disposição a nossa velha secretaria e duas desconjuntadas cadeiras, que bastante falta nos fazem; isto é tudo muito pobresinho. Tenham paciencia, foram mal informados. Não fomos *heroes da Rotunda do dia 6 de outubro*.

J. PEDROZO AMADÓ.



O ultimo vôo de Frey

Extrangeiro

O "RAID" PARIS-ROMA-TURIM

Cada passo que a sciencia avança, parece comprazer-se em orientar o seu norte sobre os corpos dos que hora a hora por ella luctam com uma tenacidade de veras notavel.

Mais uma victima que á França custa as suas incomparaveis obras de aviação.

Quasi a alcançar o terminus da brilhante étape de Roma-Turim, o aviador Frey despenha-se das alturas motivado por uma *pane* do motor do seu monoplano para vir cair em terra de envolta com elle, formando como que uma massa unica de aço e despojos humanos, n'uma horrivel barbaridade difficil de descrever tão brutal a grandeza da calamidade.

E' sempre com magua que se vê desaparecer um homem da corajosa vitalidade de Frey que ainda ha dias em vôos esplendidos tomára parte no «raid» Paris-Madrid, em que alcançou o premio de 20:000 francos.

DOCUMENTO HISTORICO

A primeira carta enviada pelo correio aereo acaba de ser considerada historica. Essa carta é a que o jornal francez *L'Auto* enviou ao seu correspondente em S. Sebastien, mr. Gervais, por intermedio do hoje celebre quanto infeliz aviador Garros.

A municipalidade d'aquella estancia tão conhecida dos felizes de fortuna, dirigiu-se áquelle senhor, pedindo a carta que do «Auto» recebera, a fim de figurar no seu museu.

Mr. Gervais, claro está, accedeu do melhor grado e hoje a primeira carta de que um boletineiro aereo foi portador, pertence já á historia de uma época.

TAUROMACHIA

Devido a má revisão escapou no numero antecedente um certo numero de gralhas que por vezes alteram o sentido da oração.

Pedindo desculpa aos nossos leitores, teremos de futuro o maior cuidado para que e não repitam casos semelhantes.

Posto isto, entremos no verdadeiro assumpto d'estas linhas.

Voltando ainda ao incidente «Cadete e Thomaz da Rocha» apontarei mais uma das causas que decerto levaram Cadete a proceder como fez, recusando-se a trabalhar com aquelle seu collega; e ao mesmo tempo prova como são verdadeiras as considerações que n'este semanario fiz sobre as desintelligencias que existem entre os artistas.

Na corrida realizada no Campo Pequeno em honra dos membros do Congresso de Turismo, quando se lidou o setimo touro, destinado para Cadete e Thomaz da Rocha, praticou este artista uma deslealdade para com o seu collega, que é deveras censuravel, ao mesmo tempo que desacatava o regulamento.

Todos nós sabemos e é do regulamento fazerem-se as sortes «sahida por sahida», de fôrma que quando algum artista por qualquer circumstancia lhe fálhou a sorte, deve logo entrar o seu collega.

Ora, na citada corrida, Thomaz da Rocha, teve a seguir cinco sahidias falsas, não se importando para cousa alguma com Cadete, e impedindo este, por consequencia, de poder trabalhar.

Isto não se faz, não é de collegas, e parece mostrar o desejo propositado de molestar o seu collega.

O que admira é que a *intelligencia*, que tudo isto tem obrigação de vêr, tal consentisse, pois se applicasse o regulamento, como é seu dever, já estes casos e outros semelhantes se não dariam.

Provam como as direcções das corridas são parciaes e que espirito de fraternidade existe entre os artistas portuguezes.

Este facto, que nós observámos, e que não é virgem, magout, decerto e com justa razão, Cadete, que sempre com a sua lealdade, na occasião nada reclamou, mas no final da corrida dirigiu-se á empreza e ali declarou que não mais trabalharia com Thomaz da Rocha.

Na corrida seguinte, parece que propositadamente, a empreza incluiu no programma a trabalharem juntos, Cadete e Thomaz da Rocha, o que obrigou aquelle a recusar-se a trabalhar, surgindo o incidente por todos nós conhecido, e como já aqui disse, é sempre para lastimar, pois para mais não serve senão para prejudicar os artistas e a já tão decadente arte.

A empreza devia ser um pouco mais escrupulosa e attender com mais consideração a reclamação de Cadete, que todos nós sabemos, é um dos nossos primeiros e festejados artistas, e por consequencia dando á empreza bastantes lucros pelos seus innumerados admiradores; tal não aconteceu, antes pelo contrario, a empreza por sua vez, pareceu tambem querer maguar o dito artista, publicando-lhe uma carta particular ao mesmo tempo que se levantava uma campanha contra Cadete de todo injusta.

Ora nós, que nos encontramos de fôr e livre de todas as paixões, e seguindo o nosso lema de justiça, não podemos deixar sem protesto tudo o que se tem feito e dito contra Cadete.

E assim, mais uma vez nos dirigimos a empreza para que de futuro cumpra ou faça cumprir os regulamentos que regem as corridas e não avivar as questões que surjam entre artistas, antes, tem por dever em as aplanar, esforçando-se por harmonisar e conseguir remover todas as difficuldades.

O que é tambem para lastimar é que não haja na classe dos artistas tauromachicos a devida harmonia e cohesão, pelo contrario, não se entendem uns aos outros, levantando constantemente mesquinhas rivalidades, que mais não fazem senão prejudicar-se a si e a arte em geral, e por logica consequencia o publico, o eterno «Zé pagante», o unico a sofrer-lhe as causas, pois é raro assistirse a uma corrida em que saiamos satisfeitos.

Haja mais hombridade... e por hoje po'hamos ponto nas considerações por absoluta falta de espaço, mas em breve trataremos de um outro assumpto de que acabamos de ser informados.

MARIO NOGUEIRA.

THEATROS

AVISO

As emprezas que desejem o seu reclame n'esta revista, servir-se-hão enviar-nos todas as semanas o seu programma afim que assim nós possamos trazer completas as informações dos seus espectaculos.

Bem assim, como de costume com os nossos collegas, contamos com o nosso logar nas suas salas.

Colyseu dos Recreios

Companhia de opperetta italiana.

Paraiso de Lisboa

Sessões permanentes de animatographo fallado.

Variedades

Dois bellos espectaculos por noite com a chistosa revista *Pó de Perlimpimpim*.

Chalet Avenida

(Feira d'Alcantara)

Enchentes todas as noites com a revista *Está certo* que tem obtido enorme successo.

Chalet Julia Mendes

Está escripto que a revista *Co-lhido e volteado* é peça para durar, o que não admira, attendendo á fórma como está apresentada e ao desempenho.

Animatographos e variedades

CINE PALAIS — (Feira d'Alcantara), sempre estreias sensacionaes.

SALÃO FOZ — Espectaculos variados todas as noites.

SALÃO AVENIDA — Tem tido enormes enchentes com a engraçada operetta *Sachrista encravado*.

CHIADO TERRASSE — Soirées variadas todas as noites.

ANIMATOGRAPHO DO LORETO — Todas as noites variados espectaculos n'este interessante Cinema.

SALÃO DA TRINDADE — Programmas sensacionaes

CHANTECLER CHALET — (Feira d'Alcantara). Estreias todas as noites.

JARDIM ZOOLOGICO (Exposição permanente)

AQUARIO VASCO DA GAMA (Ótundo)

Aberto todos os dias.

Vestidos de senhoras e crianças

LAVA, LIMPA E TINGE

A

TINTURARIA CAMBOURNAC

10, Largo da Annuciada, 10

Rua de S. Bento, 175-A

LISBOA Telephone 562

Automoveis recommendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA

ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva
" 787 — " — João Carujo
" 987 — " — Antonio Paes

Serviço por taximetro em Lisboa

Serviço de theatro e baile

TELEPHONES — 2702 e 2698

LISBOA

"MERCEDES"

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESORIOS

Reparações em todas as marcas de machinas

Copias á machina — Traducções
Ensino de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3986 — Agencia no Porto

OFFICINA DE FUNDAÇÃO DE METAES

TORNEIRO E GALVANISMO
FUNDADA EM 12.6.1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, otalages e varões para montras, ferragens para uraas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas

Dourar
pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES

R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

Empresa Nacional de Navegação



Para Príncipe e S. Thomé, só recebendo carga, sae do caes do Jardim do Tabaco, no dia 20 o vapor *Peninsular*.

Para S. Vicente, S. Thiago, (Maio, Boa Vista, Sal, S. Nicolau, Santo Antão, Fogo, Brava e Terrafal, com trahordo em S. Thiago), Príncipe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambriz, Luanda (S. Nicolau, Gito, Egypto, Benguela Velha, Quissembe, Ambrizette, Quinzam, Quisanga, Boma, Noqui, Matadi, Landana, Mucilla e Musserra, com baldeação em Luanda) Novo Redondo, Lohito, Benguela e Mossamedes, sae do Caes da Fundição, no dia 22, o paquete *Cazengo*. Não recebe carga para Príncipe e S. Thomé.

De ou para Fernando Pó, recebe passageiros, com trahordo na Ilha do Príncipe.

Para Bissau e Bolama, sae do Caes da Areia, no dia 24, o paquete *Quinê*. Para carga, passageiros e outros esclarecimentos, trata-se em NO PORTO: com os agentes H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique — Em LISBOA: Escripórios da Empresa, 33, rua do Commercio.

Bico Modelo

DE JOÃO GALVÃO

Artigos de iluminação para Gaz e Electricidade

Lustres e candieiros, retretes, auto-clismos, urtinos, lavatorios, bidets, siphões e banheiras.

Installações d'agua, gaz e electricidade.

70. RUA IVENS, 70

(Proximo do Chiado)

LISBOA

LUZ ELECTRICA J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, aparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, accumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, pára-raios, etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTHEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, III-III

LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT.

Taximetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Alfredo Eduardo Gonçalves

OFFICINA

— DE —

CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes á sua arte

7, Rua da Condessa, 9

(AO CARMO) LISBOA

ENCAVERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Maulino Ferreira

Succursal das

Officinas

de encadernação

mov das a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 20-22

Vinho Verde de 1.ª qualidade
Azeite de Castello Branco muito fino
Vinhos finos e licores

Casa 5 de Outubro

232, R. DA MAGDALENA, 234

(Em frente á Rua da Betesga)

De que é proprietario MANUEL VIEGAS FRACOR

Azeites de Castello Branco, mantei-gas da Ilha da Madeira, vinho tinto do Litoral, patêto exclusiv da casa). Todas as encomendas se enviam á casa dos freguezes.

PEREIRA
FABRICANTE DE MOLDURAS E DOURADO EM TODO O GENERO
Encarrega-se de molduras para bordados, consolos, mobílias, espelhos e dourados em casa, etc.
273, RUA DA ROSA, 275
Proximo á rua D. Pedro V

ANTIGUIDADES
Compram-se por bons preços Louças, crystaes, moveis, joias, bronzes e tudo antigo que revele arte e belleza.
Rua da Escola Polytechnica, 97
(D. frente das escadas da Escola)
M. CARVALHO

MAFRA
HOTEL MOREIRA
No largo, em frente do convento
Bellas accomodações desde 1\$000 réis por dia até 1\$500 réis.
Redução de preços para caixeiros viajantes.
Proprietario — **JOAQUIM PEDRO MOREIRA**

ABRANTES
Hotel Central
Proprietario — **MANUEL MONTES CARREIRO**
Situado no centro do commercio. Iluminado a acetilene. Campainhas electricas em todos os quartos.
Magnificas condições d'asselo, conforto e bom tratamento

PRODUCTOS ALIMENTARES
para diabeticos, despepticos e neurasthenicos de Sana. Caixas de phantazia com bolachas e chocolates suissos, sopas instantaneas, chás, caramellos, etc.
M. C. NEVES
Rua Nova do Almada, 83

Braga — BOM JESUS
GRANDE HOTEL Grande Hotel do Elevador e Grande Hotel do Lago
Campo de Sant'Anna, 27 a 37
Proprietarios: **DOMÉS & MATEOS**, Successores de Manuel Joaquim Gomes
Hotel de primeira or dem. Serviço esmerado. Quarto espaçoso e bem mobiliado, de o dia se zovam: espelhos panoramas. Banhos completos. Luz electrica. Salões de baile e de visitas. Planos e orão. Telephone e caixa do correio.
Preços, comprehendendo quarto, comida, vinho, serviço e luz, desde 1\$500 até 2\$200 réis por dia

Clichés em photogravura
de varios artistas e homens de letras
Vendem-se ou alugam-se
na redacção da
VIDA ARTISTICA

AO CHAPEU MODERNO
Silva & Ruas
LISBOA
Sortido completo em chapéus e bonets nacionaes e estrangeiros, para homens e creanças, por preços ao abrigo de toda a concorrência.
Sempre as ultimas creações da moda
69, R. da Victoria, 71

A NACIONAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Sede na sua propriedade: — 14, Avenida da Liberdade, 14 — LISBOA
Sociedade anónima de responsabilidade limitada
Fundada em 17-4-906
CAPITAL 500:000\$000 RÉIS
RESERVAS 135:753\$650 RÉIS
Seguros de vida e Seguros terrestres e marítimos
Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 horas da manhã ás 5 da tarde, na sede da Companhia, ou por escripto na volta do correio.
Director — **FERNANDO BREDERODE** Sub-Director — **JOSÉ A. QUINTELLA**

VIDAGO
Hotel Avenida
Edificio construido expressamente junto á Estação do caminho de ferro e Avenida, proximo da nascente Vidago.
Bons quartos, magnifica sala de jantar com mezas para familia, casas de banhos, café, bilhar, e jogos licitos.
Preços de 1200 a 1500 réis
Almoços 500 e jantares 700 réis
Correspondencia ao concessionario
Domingues Pires

GEREZ
Grande Hotel Universal
Propriedade da Companhia Carris
Este hotel que passou por amplas reformas é o melhor da estância. Possui um magnifico square e é o unico illuminado a electricidade e mezas para familia.
Serviço de primeira ordem — Preços moderados
Trens da Companhia com mudas em Bourgo
O Conselho de Administração: — Alfredo da Fonseca Meneres, Antonio Reis Porto, Antonio d'Araujo Costa, — Gerente do Hotel: — Julio Pinto da Rocha.

Cesar A. Paiva
Cirurgião-Dentista do hospital de S. José e annexos
Premiado na e posição internacional de Paris de 1900, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.
Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.
R. do Arsenal, 100, 1.º LISBOA

LIVRARIA DO CLERO
UNICA LIVRARIA RELIGIOSA DE LISBOA
Fundada em 1907 por Lima & C.ª antigo empregado da Livraria Catholica que acabou em 1910
9 Rua do Mundo, á Praça de Camões e frente á Igreja do Loreto
Casa de confiança das Familias Catholicas
Typographia, Encadernação e Papelaria
Cathecismo da 1.ª Communhão 20 réis
A Chave do Céu desde 1\$000 réis
Almanach da Immaculada Conceição de Lourdes — Preço 100 réis
Livros em portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e latim. De instrução Religiosa, Doutrina Catholica, sobre a Sagrada Eucharistia e Primeira Communhão, de Piedade, Espirituaes e Asceticos — Biographies, Vidas de Santos, Educação, Instrução, Sciencias, Historia e Litteratura — Theologia — Liturgia — Philosophia — Moral Religiosa — Historia Ecclesiastica — Sermões — Livros de Missa simples e de luxo, todos approvados pela auctoridade ecclesiastica.
Artigos do culto — Paramentos e Alfaias — Castiças e Tocheiros — Cruzes e cirias — Lampadas e Lamparinas — Lustres — Serpentinaes — Custodias — Calices — Galhetas — Sacras — Pyxides — Ambulas — Caldeirinhas — Lavandas — Lanternas — Caixas e ferros d'Hostias — Campainhas e Carrilhões — Purificadores — Estantes — placas para velas — Coróas — Jarras.
Imagens e Crucifixos de todas as dimensões — Optimas esculpturas. Pinturas simples e de luxo approvadas pela Sagrada Congregação das Indulgencias de Roma.
Artigos de Piedade — Imagens luminosas (veem-se ás escuras como de dia) — Souvenirs de Lourdes — Terços — Coróas — Rosarios — Estampas para Cathese, para livro e para quadro — Gravuras — Photographias — Oleographia e Chromos em cartão, opaline, gelatina, pergaminho, setim e bordadas em seda — Medalhas e Crucifixos, em latão, aluminio, nickel, ouro ou prata Benitres de biscuit e nickel — Escapularios — Argolas de guardanapo com imagens — Bilhetes postaes com Santos — Quadros — Vias Sacras — Presepios — Albus com a Via sacra em photographia, com a Vida de Jesus, em gravura e muitos outros — Placas com imagens, bentinhos, folhas de santos em preto e a cor — Registos de luto e o mais completo sortimento em artigos religiosos de alta novidade. Objectos para brinde. Objectos de 1.ª Communhão.
Flores artificiaes. — Palmitos, grinaldas, corças, ramos e palmas.
Crucifixos para reliquias, Terços Cruseos, contas miudas com espaços.
Crucifixos do Perdão. — Indulgenciados por S. S. Pio x para as pessoas que propaguem esta devoção — **Coróa para Via Sacra** para se fazer em casa ganhando-se as mesma indulgencias que na Igreja — **Crucifixo da Paixão.** Crucifixos da Santa Face.
Preços muito resumidos

AS AGUAS D'ENTRE-OS-RIOS CURAM AS BRONCHITES
O Grande Hotel da Torre
é o unico HOTEL que está ligado ás Thermas das Aguas d'Entre-os-Rios
SERVIÇO MAGNIFICO
Quartos desde 1\$200 a 2\$000 réis
Pedidos de quartos a
Avelino & Camanho
TORRE-ENTRE-OS-RIOS

J. J. RIBEIRO DOS SANTOS
Premiado com menção honrosa na Exposição de 1893
PREVILEGIO EXCLUSIVO
da **Pumada Dumont** para cura do rheumatismo
GESSOS E BETUMES
Deposito de drogas: Oleos, Tintas, Vernizes, Pinceis, Sabão, sabonetes e perfumarias.
Qualidades garantidas — Preços sem competencia
Productos chimicos e medicinaes por grosso e meudo
Unico deposito geral em Portugal da Agua Circassiana para restaurar o cabelo — Oleo da Pe-sia — Vigor Tónico do Oriente — Oleo do Egypto para o cabelo e da Favorita Universal e Leite Divino para a cutis.
22, Rua do Amparo, 22
16, Rua do Arco Marquez de Alegrete, 16
LISBOA